

IN MEMORIAN



José Tércio Barbosa Ferreira
1952 - 1997

“Causos” sobre o Tércio

Conheci o Tércio há exatos 24 anos antes de sua morte. A charge mostrada retrata nosso primeiro encontro e foi feita por sua filha Simone, para o Tércio usar numa apresentação que fez de mim há um ano, quando dei uma conferência na Reunião Anual da SBQ, indicado por ele, que na ocasião era presidente da divisão de Síntese Orgânica. A Simone, ótima artista, captou bem a “história” contada pelo

Tércio, pois podemos sentir minha atitude de “defesa” ante o “ataque” de alguém querendo fazer amizade, que é a atitude do Tércio na charge e foi sua “marca registrada” na vida. Na ocasião (julho de 1973) o Tércio chegara de Brasília, onde fizera iniciação científica com o Peter Bakuzis e, por isso, adquirira uma experiência única para a época na área de síntese orgânica, especialmente para um estudante brasileiro de 21 anos. Em vista de seu “a vontade” e da confiança que inspirou no Tim logo de início, o Tércio teve imediato acesso ao “tesouro de Ali-Babá” que era o almoxarifado do Nicola, vedado a nós, “o resto”. Queimado com isso apelidei-o de imediato de “o Reitorzinho”. Duas semanas depois, o “Reitorzinho” me convenceu a alugar um apartamento em sociedade, no mesmo prédio em que morava a Helena e, no início de agosto de 1973, o Tércio, sua mulher Arlete e eu estávamos morando na Chico Porco (Francisco Leitão) em Pinheiros. Logo depois foi aberto um dos primeiros bares da rua Pinheiros, o “Kreoula”. Passamos a frequentá-lo quase que diariamente. Ali planejavamos a reforma do mundo e, invariavelmente, eu brigava com a Helena antes do fim da noite. E o Tércio só ria da briga. Nessa época ele ministrou seu seminário de mestrado no IQ-USP, que marcou época por “surpreender” a platéia. Foi sobre “Feromônios sexuais de insetos”, no qual ele discorreu sobre os hábitos sexuais desses animais, inclusive reproduzindo movimentos que ele imaginava ocorrer durante o evento... O outro fato inusitado foi responder a uma pergunta da Profa. Blanka Wladislaw tratando-a por “você”, fato que a mesma aceitou “numa boa”, mas chocou a muitos estudantes, pois há cerca de 20 anos era impensável um estudante tratar professor uspiano por “você”. Esses fatos mostram a disposição que sempre teve o Tércio de perseguir seus objetivos e seguir seus próprios passos, sem se preocupar com convenções. Após concluirmos o mestrado, em 1975, o CNPq e a CAPES mudaram sua sistemática de concessão de bolsas (vem de longe, muito longe ...) e ficamos sem receber (eu, por 7 meses); o Tércio, mais esperto, aceitou de imediato uma oferta de emprego na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Quando surgiu uma segunda vaga me convenceu a ir para o Rio, para onde fui em agosto de 1976, passando a morar novamente na casa do Tércio e da Arlete. No dia de minha contratação “bebemoramos” quase a noite toda, indo eu cedo pela manhã para a Rural e o Tércio para São Paulo, quando, segundo ele, dirigiu um bom trecho pela contramão da via Dutra. No final de 1976 recebemos um convite da Universidade Federal de São Carlos, para onde fomos no início de 1977, juntamente com o Tim e vários outros doutorandos do IQ-USP. No início ficamos morando em São Paulo. Eu, por um

tempo, novamente na casa dos “Ferreira”. Finalmente nos mudamos para São Carlos no final de 1977, dessa vez para casas separadas. O Tércio decidiu de imediato se estabelecer definitivamente em São Carlos, selando essa decisão com outra: concluir a parte experimental de seu doutorado na UFSCar, onde não havia sequer laboratório de pesquisa. Começou a trabalhar nos laboratórios improvisados, montados nas antigas cavalariças da fazenda onde a UFSCar foi originalmente instalada. Aos poucos foi transformando esse local em laboratório com as mesmas facilidades que tínhamos em São Paulo. Para isso ele contou com sua tenacidade e com a ajuda do Nicola, que permitia “assaltos” a seu laboratório por parte do pessoal de São Carlos, para desespero do Prof. Maurício, na época assistente do Nicola. Na volta de uma dessas incursões piratas a São Paulo, começamos a falar sobre o que fazer em São Carlos, pois já era tempo de colocar em prática as idéias que discutíamos desde os tempos do “Kreoula”. Era noite, chovia muito e eu estava nervoso, por isso falei a viagem toda. Ele dirigia e só escutava. No fim, disse apenas: tudo bem, vamos em frente. Logo a seguir anunciamos na UFSCar que iríamos trabalhar em colaboração, o que criou alvoroço, pois o Tércio ainda não concluía o doutorado; mas ele soube contornar mineiramente o incidente. Durante esse período ocorreu a única briga que tivemos em 24 anos. Eu tive um “chilique” porque ele estava usando o “meu” agitador magnético, ao que ele respondeu com outro “chilique”. Ficamos um dia sem conversar. No fim do dia, duas alunas, de um curso que eu estava ministrando para quatro, a Valderez e a Maria Alice, me procuraram para me convidar para um jantar que elas iriam preparar no dia seguinte na casa do Tércio. O jantar estava ótimo e o vinho, que o Tércio comprara para me “amansar”, também. Ele era assim, não conseguia “ficar brigado”. (Um dos outros dois alunos do curso, o Dr. Brandt, até hoje não se convenceu que esse jantar não teve nada a ver com o fato de que apenas 50% dos alunos foram aprovados). Nos anos seguintes, até 1981, quando me transferi para o IQ-USP,



trabalhamos em colaboração, consolidando nossos grupos e os laboratórios da UFSCar. As “reuniões” para elaborar os projetos de pesquisa e solicitar verbas ocorriam sempre à noite, em algum dos bares de São Carlos que o Tércio acabara de declarar “o bar da moda” da cidade, e as equações e cifras eram escritas em guardanapos de papel. Os estudantes sempre junto. Quase todos, hoje, são professores universitários, mantendo a tradição. Em 1982 o Tércio deu início às “Escolas de Verão da UFSCar”, as quais catalisaram muitas vocações para a pesquisa. Na organização das mesmas, ele teve de fazer “malabarismos” para driblar a burrice de muita gente e dar aos estudantes de graduação e pós-graduação a oportunidade de terem contato com pesquisadores de alto nível, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Foram 16 Escolas de Verão (que continuam). Todas uma festa. Aprender e fazer ciência deve ser algo que dê prazer. Essa foi a mensagem que ele sempre passou aos mais jovens. Em 1988 o Tércio transformou os “Encontros Brasileiros de Síntese Orgânica” em “Brazilian Meeting on Organic Synthesis”, estabelecendo o inglês como língua oficial e convidando 9 químicos orgânicos sintéticos estrangeiros de primeira linha como conferencistas. Imprimiu seu toque pessoal ao Encontro, transformando-o em descontraído “Happening”, ao mesmo tempo que se mantinha a seriedade profissional, o que encantou os participantes estrangeiros, que passaram a dar no exterior as melhores referências sobre a hospitalidade e o entusiasmo da jovem comunidade de químicos sintéticos brasileiros. A partir desse Meeting, agora conhecido como BMOS, não foi mais difícil convencer grandes pesquisadores na área a virem ao Brasil dar conferência e aceitar doutorandos e pós-doutorandos brasileiros. Ao morrer, estava organizando o “VIIIth BMOS”, tendo colocado na Comissão Organizadora vários jovens, que estão agora tocando o evento com o mesmo entusiasmo que ele. Novamente teve de lutar contra os que não viam com bons olhos sua “proteção” aos estudantes, defendendo a garantia de participação dos mesmos no BMOS, que afinal fora criado para eles. Essa sua faceta, de estar sempre rodeado de estudantes e “protegendo-os”, não deve dar a falsa impressão de que era um “tio” populista. Pelo contrário, era rigoroso e duro com os que não queriam estudar e não sabiam aproveitar as facilidades propiciadas pela “Universidade Pública e Gratuita”, motivo pelo qual não era profissionalmente popular entre essa ala do “eleitorado” que, infelizmente, sendo maioria, sempre o derrotou para qualquer cargo a que tenha se candidatado. A criação e consolidação desses dois eventos, que congregam no total cerca de 600 pesquisadores, a maioria estudante, a cada 2 anos, já seria mais do que suficiente para garantir sua memória entre os que impulsionaram a comunidade química brasileira a seu status atual. Entretanto, seu desempenho científico, que respaldou essas atividades, não fica atrás. Durante vários anos trabalhamos em colaboração e muitas de nossas primeiras publicações conjuntas tiveram o Tércio como seu mentor. Uma delas, particularmente, a iniciação científica do Braga, então (1981) seu orientando, é um dos poucos trabalhos feitos no Brasil a merecer citação em sucessivas edições do Jerry March. Nossa última publicação conjunta data de 1992, quando ele já havia consolidado seu projeto de se tornar um especialista em química de feromônios. Nessa época, final de 1991, estava no laboratório de nosso grande amigo comum, o Marino. Fui visitá-lo, e à família, em Ann Arbor. Eu estava passando pela “crise dos 40”. O Tércio, para me animar, sugeriu que escrevêssemos um livro de memórias, contando “causos” sobre a comunidade química que vivenciamos juntos. Reagi, dizendo que éramos muito jovens para pensar em memórias. Agora a tarefa ficou para mim e aqui estou, já não tão jovem, escrevendo memórias.

Chega a parte triste da “história”, que é o final. Em meados de novembro passado liguei para o Tércio de Brasília, onde participava de uma reunião. Ele se mostrou preocupado com uma febre que não passava há dias. Fiquei alarmado, pois raramente ele mencionava seus problemas pessoais. Logo no início de dezembro a Arlete me ligou para comunicar que o Tércio estava hospitalizado em São Paulo. Fui visitá-lo. Encontrei-o cercado de revistas científicas e com seu microcomputador, no qual elaborava um projeto. Estava também dando aulas de química a um enfermeiro que ia prestar vestibular. Parece folclore, mas não é! A nota pitoresca da visita ficou por conta do incidente em que uma enfermeira insistiu em administrar o medicamento ao “paciente” que, segundo ela achava, era eu, tal era o otimismo e a animação do Tércio, apesar das fortes dores que sentia. Alguns dias depois recebo outro telefonema da Arlete, às 7 horas da noite, para ir buscá-los no hospital, pois o Tércio tivera alta, apesar do diagnóstico definitivo não ter saído. Foi uma maratona no trânsito de sexta-feira à noite em São Paulo. Quando conseguimos finalmente jantar já era quase meia-noite e a Arlete, exausta, foi dormir. O Tércio e eu ficamos conversando no alpendre até a madrugada. A conversa teve um quê de despedida. Falei isso para a Helena por telefone no dia seguinte, logo que o Tércio partiu para São Carlos. Entretanto, sua atitude não fora negativa, foi uma exposição otimista de seu projeto para o laboratório de feromônios, que finalmente estava para se concretizar, graças à rede de colaborações multidisciplinares que ele conseguira formar no Brasil e em vários países. Mas notei uma certa mágoa quando me disse “... agora está tudo ótimo, os filhos entrando para a Universidade, o primeiro neto chegando, o novo laboratório em plena atividade... só tem essa dorzinha”. Foram vários meses de agonia para essa “dorzinha” ser diagnosticada como endocardite, finalmente operada com sucesso no início de julho; mas havia outra bactéria no meio do caminho...

Trabalhou e lutou contra a falta de bom senso até o fim. Em um de nossos últimos contatos, hospitalizado no INCOR após a operação, me disse que estava ligando para a FAPESP para argumentar contra o parecer do assessor de seu projeto temático que tramitava há meses porque o assessor, apesar de achar o projeto cientificamente bom, não o aprovava por considerar a quantidade de um solvente solicitada muito grande (!). O tal solvente representava menos de 1% do total do projeto. É a vida! Os Tércios têm de morrer provando aos “assessores” que farão bom uso do dinheiro público. Para que minha fé no “sistema” não fique abalada (!), só espero que o referido assessor tenha feito muito mais pela química brasileira do que fez o Tércio.

Conservou o otimismo e o bom humor até o fim. Vários amigos me disseram que ao ligarem preocupados para o Tércio, recebiam dele tal dose de otimismo que não acreditavam na gravidade da situação. Uma amiga comum que teve acesso à UTI me disse que seu bom humor e otimismo continuaram até que o derrame lhe tirou a consciência.

“Ele deve ser taciturno e circunspecto, e não deve comunicar a ninguém os resultados de suas experiências”, Albertus Magnus (1193-1280) “De Alchemia”. Muitos químicos brasileiros continuam discípulos de Albertus Magnus. O Tércio não o foi, por isso não contava com o apoio dessa ala. A ciência que ele fez e a que aprendeu, sempre foi comunicada e compartilhada com todos; fazer ciência para ele sempre foi um prazer e um divertimento; nunca foi taciturno ou circunspecto; nunca trabalhou para si próprio, visando qualquer benefício pessoal. Seu objetivo era a comunidade, e não seu “Curriculum” ou sua “carreira”. Isso passa. Fica a presença da liderança. Nunca tentou se impor como líder. Sabia que não precisava.